

Fonte: Journal do Brasil Class.: Amazônia / ZEE
 Data: 26/02/94 Pg.: 14 43

O maior arquipélago fluvial

■ As 400 ilhas do Rio Negro devem ganhar proteção

ORLANDO FARIAS

MANAUS — Os índios já o chamavam de Mariuá (grande braço) por causa do extraordinário labirinto de ilhas — cerca de 400 — situado numa faixa de 130 quilômetros no Rio Negro, a 230 quilômetros de Manaus. Uma interpretação errônea dos mapas da Amazônia o deixou esquecido durante mais de 300 anos e livre de qualquer destruição ambiental.

Só no ano passado, consultando mapas do Rio Negro no início do zoneamento ecológico do Amazonas, técnicos da Secretaria Estadual do Meio Ambiente depararam com uma intrigante *cauda de cometa*, formada de ilhas. Conferiram: tratava-se do maior arquipélago fluvial do planeta. Totalmente selvagem, era, porém, um dos lugares mais ameaçados de desaparecimento dos mapas.

A ameaça tinha o nome de indústria de palmito, que cobrava suas florestas quase totalmente dominadas pelo jauary (palmeira nativa). Segundo o geólogo da Secretaria Estadual do Meio Ambiente Fred Cruz, são as palmeiras que sustentam as ilhas sob a correnteza intensa do rio Negro.

Palmito — Capital do arquipélago, a cidade de Barcelos, a 300 quilômetros de Manaus, já ostenta uma indústria de palmito:

a Jauary Agroindustrial, vinculada ao grupo Sharp. O prefeito do município, Valdeci Raposo da Silva, admite que muitas palmeiras foram retiradas até que a cidade acordou para o perigo. "Não temos interesse em que acabe" sustenta e diz que ele próprio baixou portaria proibindo a extração dos palmitos nas 400 ilhas do arquipélago.

Considerada essencial como geradora de empregos, a Jauary Agroindustrial foi orientada a implantar o cultivo de outra palmeira nativa: a pupunheira. A espécie é ideal para essa atividade. Além de palmito, a pupunheira fornece frutos (pupunhas), óleo comestível de suas amêndoas, "e sua madeira é apropriada para a confecção de bengalas", diz o prefeito, baseado em estudos do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). O cultivo já começou, longe do arquipélago.

Zoneamento — A descoberta é considerada tão importante que o lugar virou prioridade no zoneamento ecológico do Amazonas. O Secretário Estadual do Meio Ambiente, José Belfort dos Santos, o considera paradisíaco e lembra o fascínio que ele exerceu nos viajantes no século passado.

Um estudo preliminar de suas principais ilhas revelou que o homem praticamente inexistente na área. Inundáveis durante seis meses, as ilhas só atraem os caboclos no verão quando expõem suas

praias e deixam à mostra os cobizados quelônios. Com o fim da extração do palmito, a área ficou ainda mais despovoada. "A vida selvagem é intensa em todas as ilhas", revela o secretário José Belfort dos Santos, impressionado com a variedade das araras, papagaios, marianinhas e periquitos que vem sendo identificadas.

Área de proteção — A supremacia do verde das palmeiras é minimizada pelo colorido das orquídeas. O levantamento que está sendo realizado pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente recomendará a transformação do arquipélago em Área de Proteção Ambiental (APA) ainda neste primeiro semestre. A principal razão é o fato de o local ser um corredor fluvial das populações do rio Negro e não poder ser tombado como santuário ecológico.

Distante de Manaus, o arquipélago está menos sujeito à pressão urbana sobre seu ambiente. A unidade de conservação que passará a adotar, permitirá que projetos de ecoturismo sejam contemplados. "Esta é a única atividade econômica que pensamos autorizar na área" garante o prefeito. Raposo e Silva, que promoveu um concurso público em janeiro para escolher um novo nome para o lugar (era identificado como Anavilhanas 2) levou um susto ao saber do resultado. A população exigiu que o arquipélago retomassem o seu nome original de Mariuá ou *grande braço*.

O mais rico complexo ecológico

A transformação do arquipélago de Mariuá em Área de Proteção Ambiental consolida o rio Negro (AM) como o maior complexo ecológico do país. Na região, estão localizados os Parques Nacionais do Jaú, com 2,7 milhões de hectares, do Pico da Neblina, 2,2 milhões de hectares e a estação ecológica de Anavilhanas, com 350 mil hectares, que também é um arquipélago.

O rio Negro comporta ainda várias reservas indígenas, sendo a maior delas a dos índios Waimiri-Atroari, entre os rios Jauaperi e Camanaú, com 2,4 milhões de hectares. "Trata-se de uma área apropriada para reservas ambientais", diz o pesquisador do Ibama João do Carmo de Jesus.

Exuberância — O pesquisador do Ibama afirma que o rio Negro tem uma exuberância incomparável nas suas várias formas de vida. "Isto facilita a conservação ambiental da área." O

complexo ecológico vem permitindo que os estudos científicos abarquem uma discussão maior do banco biogenético da Amazônia. As últimas descobertas ocorreram no Parque do Jaú, onde três tipos de bagres diferentes foram localizados, segundo revela o biólogo do Inpa, Jansen Zuanon.

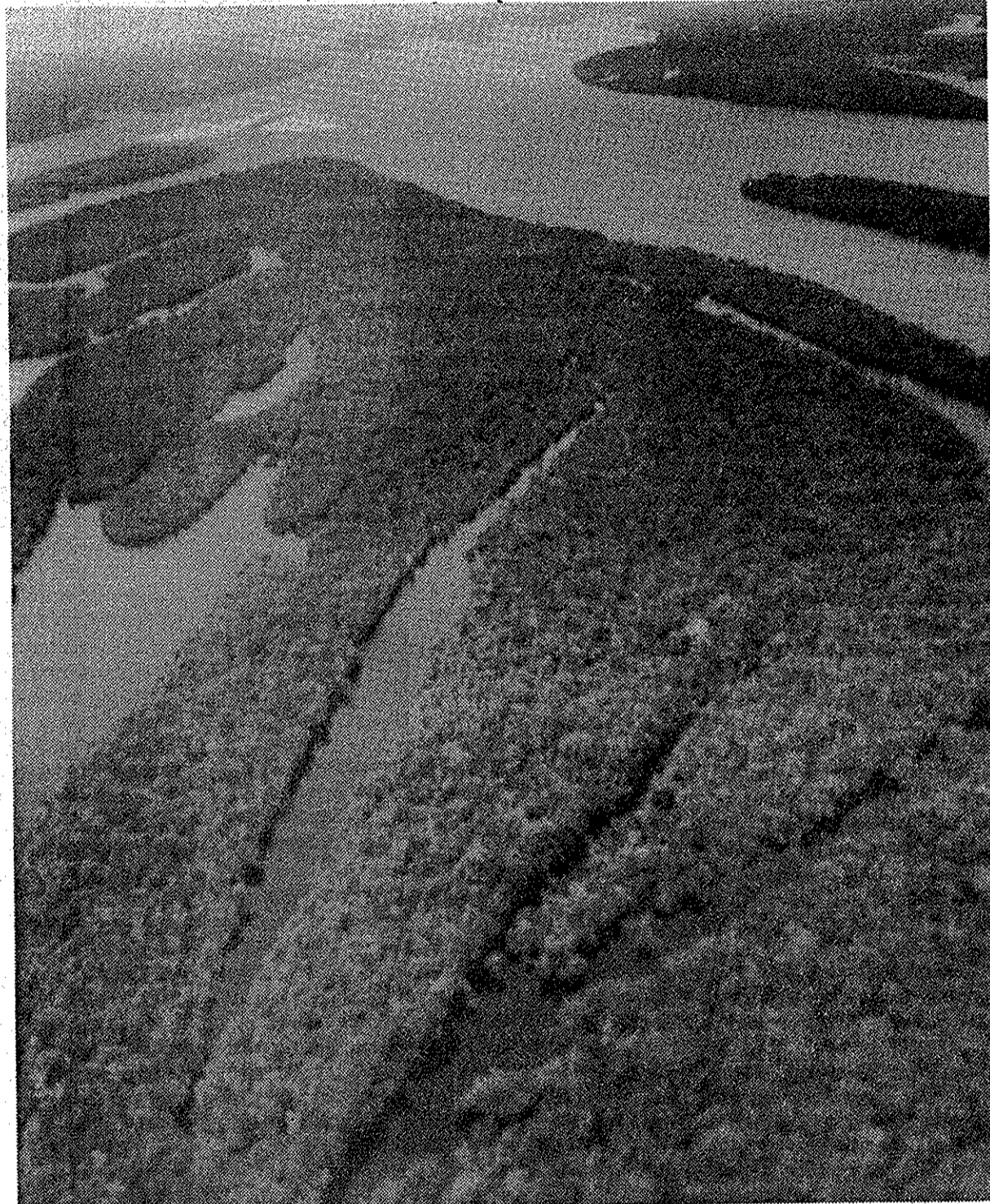
De todas as unidades de conservação ambiental do rio Negro, o Parque Nacional do Pico da Neblina tem sofrido o maior impacto apesar de ser o mais distante dos centros urbanos. Localizado na fronteira do Brasil com a Venezuela, o Pico da Neblina é o ponto mais alto do país, com 3.014 metros. Já foi alvo de várias invasões garimpeiras que destruíram vários pontos das encostas.

Paraíso dos peixes ornamentais, o rio Negro está começando a acender a luz vermelha de perigo para o equilíbrio de sua principal espécie: o exótico Cardinal

(*Paracheirodon Axelrodi*). Segundo o coordenador da fiscalização do Ibama em Manaus, José Leland, o Cardinal já começou a apresentar uma curva descendente: de 80% para 60% nas pautas das espécies de exportação.

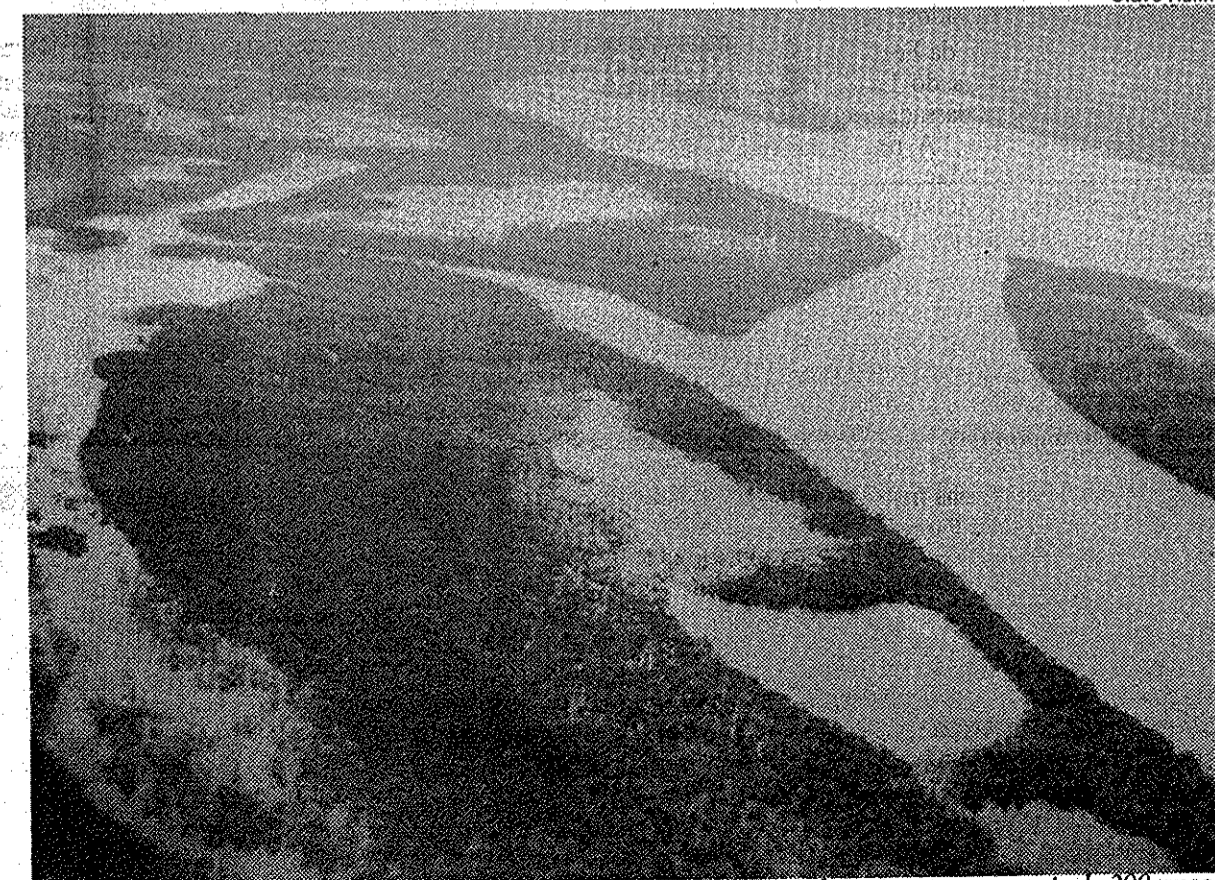
A falta de manejo é apontada como a responsável pela redução da espécie no seu principal habitat — o rio Negro. Leland defende que pode haver compatibilidade entre a atividade econômica e as unidades de conservação ambiental na região. Ele cita os próprios peixes ornamentais.

Atualmente, segundo José Leland, morrem 80% dos peixes capturados. A causa seria a falta de condições de transporte. Os peixes viajam amontoados em sacos, junto com os passageiros, e a maioria morre por falta de oxigenação nas águas, além da alta concentração de indivíduos por metro cúbico.



Reprodução

Olavo Rufino



O arquipélago que os índios chamavam de Mariuá (grande braço) ficou intacto por mais de 300 anos